

*Nach ponedielnik*, no 9, 1922, p. 3

### **O tolo – A grosseirona<sup>1</sup>**

L. S. Vygótski

*O tolo* foi entalhado de forma cenicamente destra, interessante e hábil. Trata-se de uma comédia de situações engraçadas, uma sátira muito ingênua, superficial e evasiva, um trocadilho cênico.

O próprio Justus, protagonista da comédia, é um tolo sem nenhuma praticidade cotidiana, da mais pura inocência, é uma criança com coração sábio e cabeça parva. A comédia é construída a partir do seu embate com pessoas interesseiras, espertas. Sua comicidade é de composição química simples, assim como o trocadilho. Ela duplica todo tempo o sentido no limite das situações cênicas e psicológicas mais elementares, grosseiramente primitivas, triviais até.

Chein mostrou-se nesse papel por um novo aspecto: uma interpretação suave, engraçada e tocante, abertamente superficial, dotada, ao longo de todo o espetáculo, de senso de medida e tato. Talvez um pouco açucarada, relaxada.

Como cairia bem aqui uma única nota rígida, viril e raivosa – na maquiagem, no tom, no gesto – como ela deixaria a interpretação mais expressiva. Mas até no grito ele foi lastimável, e na raiva, insignificante. Mesmo assim, não é possível não se deter no movimento desse interessante ator. Seu gesto e movimento são sempre (e aqui também) freados, retardados. A mão quer voar, o corpo quer se lançar, mas pelo esforço são levados à imobilidade, o impulso é suprimido bem no início. Esse procedimento é muito inteligente e necessário. O gesto retardado, esse mesmo gesto, é frequentemente dotado de enorme força.

---

<sup>1</sup> *O tolo* (*Der Dummkopf*, de 1907), comédia em quatro atos de Ludwig Fulda (1862-1939), dramaturgo e poeta alemão. A grosseirona (Sua excelência Nastaciuchka), peça de Mikhail Konstantinov (Mikhail Mikhailovitch Kakitsati, 1875-?). Foi adaptada para o cinema em 1918 por Aleksandr Ivanóvski.

Porém, para tanto, o desejo inicial, a própria intenção do gesto e o impulso do movimento devem ser fortes e expressivos de modo que exista algo que possa ser freado, e não esse movimento inevitavelmente indolente, inexpressivo e desnecessário, nem a simples imobilidade que é ainda mais frequente. Uma séria objeção deve ser feita ao seu caminhar cênico. Ele quase não participa da interpretação, leva-o de um lugar a outro de forma mecânica. Assim caminha Chein, não Justus, não o cantor do próprio sofrimento.

Stopórina, no papel da americana cheia de truques, estava somente correta. Há uma tensão, um esforço, um desejo de espicaçar, e, apesar de tudo, ela não dominou o ritmo sobressaltado do papel, que se exauriu completamente em desatinos. Ele deveria correr como um expresso, mas foi como um trem a vapor.

Sobre os demais, é impossível deixar de mencionar a interpretação muito infeliz de um dos primos, o poeta, por Cheftel. Ou será que o ator não estava em seu papel? E mais ainda: a direção precisa atentar para os coadjuvantes. Mesmo um ator episódico, de uma única entrada, é capaz de estragar uma cena, um ato, e é isso que fazem de boa-fé as infelizes gralhas do espetáculo.

*A grosseirona* é também algo insignificante. Mas é preciso admitir: trata-se um espetáculo bom e acertado. O tom geral foi detectado e alicerçou o espetáculo, não estava descosturado em papéis separados. Não havia nada de inadmissível ou ruim na interpretação. Vassíleva, Orchánskaia, Iélvitch e Krilóv se saíram bem. No geral, a companhia é, sem dúvida, rica em atores secundários, é interessante e necessário falar sobre eles, tanto pelo fato de existirem talentos interessantes, quanto por eles serem rodas importantes na mecânica do espetáculo. Deixarei para a próxima vez.

Stopórina expôs de modo excelente toda a verdade cotidiana e psicológica da *Grosseirona*. Pela primeira vez ouvimos plenamente o som de sua voz. Porém, o esplêndido sentimento do estilo cômico de toda a interpretação foi mais precioso do que a verossimilhança

cotidiana da imagem. Algum deus da comédia antiga diz: “Eu sou um deus, eu posso transformar uma comédia em tragédia, sem alterar sequer um verso nela”. Esse deus chama-se Estílo, que, desta vez, foi bondoso com a atriz. Protegeu sua interpretação da tendência de provar que mesmo as cozinheiras são capazes de sentir<sup>2</sup>. A cozinheira não foi ressaltada, mas a sonoridade tímida e um pouco rústica do sentimento criou um verdadeiro trampolim cênico. Mas ainda não é o melhor que Stopórina deve mostrar. Chein no papel de Gleb mostrou-se inesperadamente um ótimo simplório. Falou com sua própria voz, que soou muito bem em nota um pouco rústica: é definitivamente um ator com senso de humor. Seria bom se tudo isso fosse introduzido em outros papéis. No entanto, ele tem uma fraqueza ortográfica de algumas crianças chorosas: colocar o sinal branco onde ele é e onde não é necessário.

    Não é a primeira vez que Volkhóvskaia e Neznámov interpretam muito bem seus papéis, mas sobre eles é preciso falar à parte e seriamente.

---

<sup>2</sup> Slogan soviético.